



# EFEITO DE DIFERENTES GENÓTIPOS DE BRAQUIÁRIA NA VIABILIDADE E DURAÇÃO DA FASE IMATURA DE *COLLARIA OLEOSA* (DISTANT, 1883) (HEMIPTERA: MIRIDAE)

Daniela Maria Silva<sup>1</sup>

Jair Campos Morais<sup>2</sup>; Alexander Machado Auad<sup>3</sup>; Dayane Ribeiro dos Santos<sup>4</sup>; Fausto Souza Sobrinho<sup>3</sup>

Mestranda do Programa de Pós - graduação, UFLA - dsmony\_bio@yahoo.com.br<sup>1</sup>;  
Universidade Federal de Lavras - Programa de Pós - graduação, UFLA<sup>2</sup>;  
Pesquisador Embrapa Gado de Leite<sup>3</sup>;  
Estagiária Embrapa Gado de Leite<sup>4</sup>.

## INTRODUÇÃO

O Brasil apresenta extensas áreas de pastagens, sendo a braquiária uma das forrageiras que mais tem contribuído para a alimentação animal, em sistemas de produção de leite e carne no Brasil. A ocorrência de *C. oleosa* (Distant, 1883) (Hemiptera: Miridae) pode limitar o cultivo dessa gramínea.

Esse percevejo fitófago é praga potencial de forrageiras, causando injúrias nas folhas em forma de estrias esbranquiçadas, que acarreta diminuição na taxa fotossintética. Quando o ataque é mais intenso as folhas acabam coalhecendo, comprometendo desta forma o rendimento e o valor nutricional da planta (MENEZES, 1990).

Devido à falta de informações a respeito do uso de produtos fitossanitários no controle dessa praga e com o aumento gradativo da população a cada ano, a utilização de outros métodos, como o emprego de plantas resistentes, oferecerão alternativas para o manejo desse inseto - praga sem agredir o meio ambiente.

## OBJETIVOS

Selecionar os genótipos de braquiária quanto à resistência as ninfas de *C. oleosa*.

## MATERIAL E MÉTODOS

Adultos coletados em casa de vegetação na Embrapa Gado de Leite foram levados para o laboratório, sexados e acondicionados em gaiolas de acrílico (60x30x30 cm). No interior dessas, foi colocada uma planta de capim - elefante servindo de substrato para oviposição. Os ovos coletados foram acondicionados em placa de Petri e mantidos em câmara climática (25°C, UR: 70 ± 10% e fotofase de 14 h) até a eclosão das ninfas. Essas foram individualizadas em placas de plástico cilíndricas (1,5cm de diâmetro e 2,5cm de altura) e ao atingir o terceiro ínstar foram transferidos para placas de Petri (5cm de diâmetro e 2,5cm de altura), onde em ambos os casos foram depositados uma camada de ágar sob discos foliares das forrageiras. As folhas foram trocadas quando adquiriram a coloração amarelada.

Foram avaliados a duração (dias) e viabilidade (%) de cada instar e da fase ninfal de *C. oleosa* mantidas em 26 genótipos de *B. ruziziensis* e na cultivar marandu (*Braquiaria brizantha*). Utilizou - se o delineamento experimental inteiramente casualizado com 27 tratamentos e sete repetições. Os dados foram submetidos à análise de variância e as médias comparadas pelo teste Scott Knott, com probabilidade de 5%.

## RESULTADOS

Constatou - se diferenças significativas na duração para o primeiro, segundo e terceiro instares de *C. oleosa*,

sendo verificadas médias superiores a 3,2; 2,6; 2,5 dias, quando alimentados com os genótipos GNPGL BR 06, GNPGL BR 07, GNPGL BR 14, GNPGL BR 29, GNPGL BR 36, GNPGL BR 43, GNPGL BR44, GNPGL BR49, GNPGL BR 58. Porém nos demais genótipos essas médias foram inferiores, denotando duração menor dos instares, indicando variabilidade entre os genótipos testados.

No entanto, nos instares subsequentes, quarto e quinto, não foram registradas diferenças significativas na duração média, quando forneceu - se os diferentes genótipos de braquiária. Auad *et al.*, (2009) para essa mesma espécie de inseto relatou diferenças significativas para a duração do segundo, terceiro, quarto e quinto instares, quando mantidas em braquiária, diferindo em parte do presente trabalho.

A duração do período ninfal de *C. oleosa* foi mais extensa nos genótipos GNPGL BR 06 e GNPGL BR 58 (15,2 e 15,4 dias), caracterizando uma menor qualidade nutricional dessa forrageira. Silva *et al.*, (1994) e Auad *et al.*, (2009) reportaram valores próximos para a fase ninfal desse mirídeo alimentados de folhas de trigo (13,0 dias) e braquiária (14,54 dias). Porém, duração maior foi registrada por Vergara (2006) quando as ninfas foram mantidas com *Brachiaria humidicola*.

Não foi verificado efeito significativo dos cultivares de braquiária sobre a viabilidade do primeiro, segundo, terceiro instares e da fase ninfal de *C. oleosa*. Os genótipos GNPGL BR 07, GNPGL BR 14, GNPGL BR 76, GNPGL BR 91 e *B. brizantha* ocasionaram alta mortalidade no quarto instar, sendo este um possível indicativo de resistência. A sobrevivência das ninfas de quinto instar foi menor no genótipo GNPGL BR 76 (33,3%) e nos demais acessos essas médias foram superiores a 66,7%. Carlessi *et al.*, (1999) estudando a biologia de *Collaria scenica* alimentada com seções foliares de trigo, reportaram 50,9% de viabilidade ninfal. Dessa forma, com base na duração e viabilidade de *C. oleosa* registra - se que os genótipos GNPGL BR 63, GNPGL BR 74 mostraram - se mais adequados ao desenvolvimento do percevejo, devendo ser utilizados com restrição em locais com histórico de problemas com *C. oleosa*; ao passo que os genótipos GNPGL BR 43, GNPGL BR 07, GNPGL BR 14, GNPGL BR 76, GNPGL BR 91 e *B. brizantha* foram selecionados por

afetar o ciclo do inseto, sendo dessa forma, os mais indicados para seguir no programa de melhoramento, que busca materiais com características agrônomicas desejáveis e desfavoráveis para alimentação de *C. oleosa*.

## CONCLUSÃO

Considerando o aumento da duração ninfal e redução da viabilidade, fatores negativos à biologia do inseto, foi possível selecionar 22% dos genótipos de braquiária testados, sendo esses indicados no programas de melhoramento de *B. ruziziensis* da Embrapa Gado de Leite. (CAPES; CNPQ; FAPEMIG; UNIPASTO)

## REFERÊNCIAS

- Auad, A.M., Silva, D.M., Batista, E.S.P., Resende, T.T., Veríssimo, B.A. 2009. Duração e sobrevivência de collaria oleosa (Distant, 1883) (Hemiptera: Miridae) alimentadas com capim - elefante e braquiária em diferentes métodos de criação. Anais do IX Congresso de Ecologia do Brasil, São Lourenço - MG.
- Carlessi, L. R. G., Corseuil, E., Salvadori, J. R. 1999. Aspectos biológicos e morfométricos de *Collaria scenica* (Stal) (Hemiptera: Miridae) em trigo. Anais da Sociedade Entomológica do Brasil, 28(1):65 - 73.
- Menezes, M. 1990. *Collaria oleosa* (Distant, 1883) (Hemiptera: Miridae), nova praga de gramíneas forrageiras nos sudeste da Bahia, Brasil. Agrotrópica, 2: 113 - 118.
- Silva, D.B.da, Alves, R.T., Ferreira, P.S.F., Camargo, A.J.A. 1994. *Collaria oleosa* (Distant, 1883) (Hemiptera: Miridae), uma praga potencial na cultura do trigo na região dos cerrados. Pesquisa Agropecuária Brasileira, 29: 2007 - 2012.
- Vergara, R.R. 2006. *Collaria* spp., Isecto dañino del kikuyo: Métodos de Control. Anais do IV Seminário Internacional Competitividad em Carne y Leche. Colanta - Medellín, 36p.
- Silva, S.C.; Nascimento Júnior, D. 2006. Sistema Intensivo De Produção De Pastagens. Anais II Congresso Latino - Americano de Nutrição Animal (II CLANA). Realização: CBNA - AMENA - São Paulo, SP.